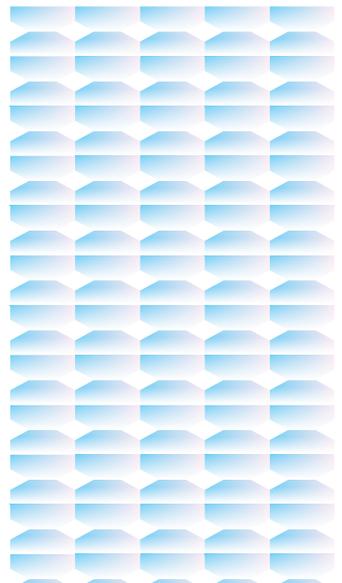
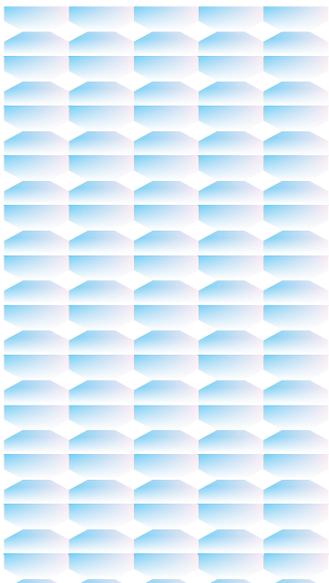




RESENHA



A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais

Massimo Di Felice

O estranho e o familiar na cidadania no século XXI

Teresa Neves

Universidade Federal de Juiz de Fora

<teneves@terra.com.br>

“Por que Heidegger é tão importante para mim? Porque nos ensina que somos os convidados da vida. E temos que aprender a ser bons convidados. E [...] ter sempre a mala pronta e, se tiver que partir, partir. E não se queixar.”

(George Steiner)¹

Uma das sensações mais comuns da vida contemporânea é a de desconforto, certo sentimento de inadequação. O que, até então, tomávamos como sendo nosso abrigo civilizacional, aquilo que considerávamos nosso patrimônio comum, nossa casa, nosso lar, nosso mundo, as referências que orientavam nossa existência, o lugar ao qual podíamos recorrer quando nos sentíamos desamparados, tudo isso ruiu. Os pilares, considerados confiáveis, sobre os quais nos amparávamos e podíamos sustentar nossas convicções, desmoronaram.

No lugar da velha e combalida cidadania política – aquela cujo modelo herdamos da pólis democrática grega – emerge outra experiência cidadã, como nos mostra o professor Massimo Di Felice em seu mais recente livro, *A cidadania digital*, publicado pela Editora Paulus, em 2020. Essa nova cidadania se constitui com base em nossa participação em redes digitais que tudo conectam em fluxos informativos de dimensões incomensuráveis e em diálogos permanentes entre entes interagentes humanos e não humanos. Outro mundo se desenha e se estabelece. Outro sentido de comum se abre para nós, constituindo-se como uma nova casa, um novo lar, uma nova habitação, embora muitos ainda não possam reconhecê-lo como tal.

A crise de mundo que diuturnamente se torna mais patente nos convoca a um deslocamento, a uma mudança, a uma troca de habitação, como muito bem assinala Di Felice em seu texto. Uma das evidências dessa crise de mundo é a degradação da ideia de verdade, compreendida como pressuposto único, universal, indubitável. A percepção dessa derroca-

¹ Em entrevista a Borja Hermoso publicada por *El País* em 3 de julho de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/29/cultura/1467214901_163889.html.

da pelo senso comum se dá pela desconcertante apreensão do chamado fenômeno das *fake news*. A sensação de que as notícias falsas estão por toda parte e de que não há quem possa ser chamado para pôr ordem nas coisas é uma das maneiras mais incisivas pelas quais nos damos conta da disrupção que caracteriza a nossa época.

Nada banal é, de fato, o sentimento de viver sem os universais – aquelas referências que podíamos partilhar, verdades comungadas por todos ou, ao menos, por uma expressiva maioria. Ficou para trás o tempo em que o desacordo em relação a tais absolutos privava do convívio comum os que manifestavam sua discordância excêntrica, seu afastamento do centro circunscrito por aquelas mesmas verdades.

Na época da vida em rede não há mais centro e, portanto, nenhum sentido resta à excentricidade. O mundo que nos parecia estável, ancorado no porto seguro das verdades definitivas, lançou-nos num turbilhão de instabilidades, perceptível tanto na tese anacrônica da terra plana como na debilidade das democracias representativas, mas também em certo recuo da ciência do campo das certezas e das categorizações excludentes para o princípio da incerteza e o âmbito das probabilidades.

Será possível à vida humana vigorar sob tais condições habitativas? Segundo o livro de Massimo Di Felice, nessa nova perspectiva vamos precisar do que não nos damos conta de que temos. Para habitar este outro mundo, é preciso outra disposição. Isso quer dizer que teremos que nos dispor – nos pôr em disponibilidade – de outro modo. Devemos estar dispostos a outro arranjo, disponíveis para outra distribuição, vale dizer, para outra relação com o mundo e os entes que, por meio do mundo que é o nosso, somos capazes de reconhecer.

A visão metafísica herdada de Sócrates, Platão e Aristóteles e que vicejou no Ocidente levou-nos a crer numa verdade segundo a qual as habilidades exclusivamente humanas fariam de nós os senhores de todos os outros entes. Acreditamos que deles poderíamos dispor em função de nossas necessidades e de nossos interesses. Do ponto de vista contemporâneo, como bem destaca Di Felice, essa crença soa ingênua e até pueril. Apartamos a política da religião, a pólis da natureza, o humano do natural e confiamos que as hierarquias estabelecidas entre estas categorias nos serviriam de bússola para atravessar os séculos. Estaríamos a salvo das intempéries de nossa sina para as quais o mundo mítico nos alertava. À semelhança de Édipo, o herói trágico de Sófocles, imaginamo-nos capazes de tomar as rédeas de nosso destino. Subestimamos a mensagem oracular; menosprezamos sua potencialidade interpretativa. Sucumbimos às nossas desmedidas e, finalmente, estamos a ponto de perder o lar que acreditávamos sólido.

Em uma memorável passagem de *Introdução à metafísica*, Heidegger se dedica a uma descrição do modo de ser próprio do humano, explorando hermeneuticamente o primeiro coro de *Antígona*, a tragédia de Sófocles. Os versos iniciais, segundo a versão heideggeriana do original grego, dizem: “Muitas são as coisas estranhas, nada, porém, há de mais estranho do que o homem” (HEIDEGGER, 1978, p. 170). Mas o que quer dizer o pensador com a afirmação de que o homem é o que existe de mais estranho entre as coisas estranhas?

A palavra alemã escolhida por Heidegger para expressar em alemão o superlativo grego *deinótaton* empregado por Sófocles é *Unheimlich*, que em português se diz “estranho” ou

“inquietante”. *Unheimlich* vem do radical “*heim*” que em alemão alude a “familiar”, “doméstico”, “de casa”. De “*heim*” formam-se, por exemplo, o adjetivo *heimisch*, que significa “caseiro”, “familiar”, “íntimo”, e o substantivo *Unheimlich*, cujo prefixo “*un*” indica oposição de sentido, logo, de “não familiaridade”, “estranheza”.

Segundo a decifração heideggeriana dos versos trágicos sofoclianos, o que em grau mais elevado exprime a estranheza dos seres humanos é o modo próprio como nos lançamos para fora dos domínios do familiar em direção ao extraordinário, extravagante, excêntrico. Escreve Heidegger:

O estranho não nos deixa estar em casa. [...] O homem é o que há de mais estranho, não só porque conduz o seu ser no meio do estranho, mas por se afastar e sair dos limites, que constituem, em primeiro lugar e às mais das vezes, a sua paisagem caseira e habitual. Ao transpor as raias do familiar, instaura vigor e se aventura justamente na direção do estranho e no sentido do vigor que se impõe. (HEIDEGGER, 1978, p. 174).

Em *Ser e Tempo*, o pensador alemão explora um aspecto paradoxal manifesto no trânsito semântico de “*heim*” a *Unheimlich*. Segundo suas ilações, a sensação de familiaridade, apoiada na impressão de estabilidade e conforto decorrente de nossos vínculos triviais, não encontra correspondência na maneira de habitar o mundo própria dos seres humanos. O que temos na conta de familiar são, a rigor, pactos débeis, temporais – e, portanto, impermanentes – arrançados para dissimular nossa insondável potencialidade de realizarmos o prodigioso e o singular. Por esta razão, no modo de ser próprio do humano, o não familiar está sempre à espreita do familiar, ameaçando desvelar a estranheza como nosso lar originário. Segundo Heidegger (2015, p. 256), tranquilidade e familiaridade são modos derivados da existência e não disposições fundamentais. Não se sentir em casa é nosso modo mais autêntico de existir.

À luz da clareira heideggeriana na mata fechada da tradição ocidental, nossa habitação mais autêntica é revelada fora dos refúgios e dos subterfúgios, longe de um lar (*Heim*), alheio a uma pátria (*Heimat*). Estamos destinados, existencial e ontologicamente, a “não-estar-em-casa” (*Un-zuhause*), à “expropriação” (*Enteignis*) (HEIDEGGER, 2012, p. 531). O estranho (*Unheimlich*) é tanto nossa morada (*Heim*) mais genuína quanto nosso modo de ser mais peculiar. Desfamiliarizar o familiar, hesitar diante do que se mostra a nós como familiaridade, é (r)estabelecer relação com esta forma original de existir.

Lançarmo-nos na desfamiliarização – e, portanto, na atopia, num lugar não definido, estranho – é o convite que nos dirige Massimo Di Felice (2020) em sua proposição de “cidadania digital” e, de resto, em toda a sua obra. É possível compreender seu empreendimento como uma convocação para estranharmos o que nos parece mais íntimo e, assim, nos defrontarmos com o que se vela nos laços familiares por meio dos quais nos atamos ao mundo. Mais do que explicar, restaurar ou mesmo pretender corrigir nossa condição presente, podemos nos tornar disponíveis a ela. Para Di Felice, não se trata de nos livrarmos

ou nos abrigarmos das sombras e dos abismos de nossa época. Ao contrário, devemos estar dispostos a habitá-los com o vigor de nossa faculdade criativa.

Em vez de insistirmos em nos resguardar do estranho, podemos nos nutrir da experiência de conviver com ele, sem pretender aplacá-lo, já que sua potência nos faculta romper o aprisionamento de (pre)conceitos e (pres)suposições estereis, bem como de pretensas permanências ou prescrições extemporâneas.

Não é fácil. Mas é nosso destino. E, convenhamos, é um belo destino.

Referências bibliográficas

DI FELICE, Massimo. **A cidadania digital**: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. São Paulo: Paulus, 2020, 184 p. (Coleção Cidadania Digital).

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978, 229 p. (Coleção Biblioteca Tempo Universitário).

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis (RJ): Vozes; Bragança Paulista (SP): Universitária São Francisco, 2015, 600 p. (Coleção Pensamento Humano).

Teresa Neves

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9383607198471679>.

É professora associada do Departamento de Fundamentos, Teorias e Contextos da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora e pós-doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Possui doutorado em Estudos Literários pela UFJF, mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e graduação em Comunicação Social pela UFJF. É pesquisadora e colaboradora da Plataforma de Cidadania Digital (CIDIG - Centro de Pesquisa ATOPOS - ECA/USP).